

Novas invasões ocorrem entre S. Pedro e Caieiras

A área invadida na avenida Serafim Derenzi (no contorno de Vitória) triplicou no final da semana: agora, os posseiros delimitam os seus lotes desde a entrada do Morro da Televisão até as proximidades do Sítio do Jacaré, perto de três quilômetros às margens da avenida. Dezenas de barracos estão sendo levantados no mangue e a ocupação continua.

Segundo cálculos de moradores da área ocupada, aproximadamente 500 barracos, em sua maioria altamente precários — cobertos até mesmo com palhas — já estão construídos. Embora até agora não tenham sido importunados pela polícia, temem que possa haver uma mudança neste comportamento.

INÍCIO

A ocupação da nova área começou na semana passada depois que muitos pobres, que receberam a promessa de que se fossem aplaudir o prefeito e o presidente do Banco Nacional de Habitação seriam contemplados com um terreno, resolveram tomar os seus lotes.

O terreno, segundo afirmou o sr. Carlos Alberto Lindenberg von Schilgen aos moradores, ainda segundo a versão dos posseiros, estava sendo negociado com o comerciante Colodetti, e compreende uma faixa de terra que continua a antiga invasão de São Pedro.

Este bairro deverá ser urbanizado com recursos do Promorar, um programa do Banco Nacional de Habitação (BNH). Esta urbanização deverá ser iniciada em janeiro próximo e os recursos estão assegurados por financiamento do próprio banco.

TRIPlicou

Até o final da semana passada a ocupação se restringia ao terreno prometido pelo prefeito de Vitória e a uma pequena parte do mangue próximo. Existiam perto de 300 barracos, todos eles de pequenas dimensões em cima de pequenos pedaços de terra, separados ou por cordões ou tinta colocada sobre as pedras.

Agora, a ocupação atingiu a uma área aproximadamente três vezes maior, indo desde a entrada do morro da Televisão até as proximidades do Sítio do Jacaré, o que corresponde a uns três quilômetros. A avenida Serafim Derenzi foi ocupada então — nas partes ainda vagas — dos dois lados.

PEDRAS

Nem mesmo as pedras deixaram de ser demarcadas. Uma delas, em frente ao bairro São Pedro, tem cerca de 50 metros de altura, e é possível ver



Mulheres e crianças descansam antes de prosseguir o trabalho de construção de seu barraco.

a tinta delimitando os lotes. O acesso a muitos dos "lotes" é praticamente impossível em condições normais. Mesmo assim, os posseiros ficam satisfeitos, como afirmam, de ter os seus lotes.

A atividade ontem nas proximidades da Ilha das Caieiras era febril. Dezenas de pessoas devastavam o mangue e separavam seus terrenos. Muitos garantiam seus lotes apenas, mas outros construíam os seus barracos. O lugar ainda cabe dezenas de barracos, dada a sua extensão, e os próprios moradores dizem que deverão chegar novas levas de posseiros.

Toda a extensão do mangue que vai até as proximidades do Sítio do Jacaré, está literalmente demarcado. As mangueiras existentes do lado esquerdo da avenida Serafim Derenzi — para quem saindo de Santo Antônio e vai para o Campus, pelo Contorno — já são utilizadas como proteção para os lotes dos posseiros.

COMÉRCIO

Embora a maioria das pessoas seja extremamente pobre, pelas precárias condições de vida e de acordo com suas informações, até mesmo um quitandeiro estava em funcionamento no lugar da ocupação, vendia laranjas e bananas.

Já os posseiros que tomaram os pés de manga improvisaram uma banca para as frutas. E com isto ganhavam algum dinheiro para comprar madeira e ampliar os seus lotes. Muitos dos ocupantes se alimentaram somente de mangas no dia de ontem, segundo afirmaram.

Embora os posseiros obedeçam em geral a cercas ou mesmo tapumes — deixando livres as áreas nestas condições — alguns ocupantes não pouparam pontas de terreno devidamente cercadas, medida que poderá justificar uma repressão policial na região de consequências imprevisíveis.

MISERIA

A grande maioria dos posseiros se dizem extremamente pobres. O sr. Antônio Costa, veio de Mutum, Minas Gerais. "Ganho o mínimo, quando tenho emprego, como agora. Eu sou ajudante de carpinteiro. Então este dinheiro não dá para nada. Ai vim para cá, assim que ouvi falar na invasão".

Ele disse ter passado o dia de ontem "chupando manga". Nada melhor, segundo ainda o sr. Antônio Costa, "de poder ficar sossegado aqui neste lugar. Talvez pudesse até criar os meus seis filhos".

Já o sr. Pedro Martins de Oliveira, também migrante, tem 54 anos e também seis filhos. Só que ele está desempregado: "Ou a gente pega o mangue que não tem dono, pois é terreno da União ou vai ficar sem lote, pois o salário não dá para nada. Ainda mais para quem está desempregado, como eu".

Os novos posseiros estimam que até o final da semana toda a região — inclusive um imenso mangue, já estará ocupado. Ali, segundo o sr. Pedro Martins de Oliveira, devem caber "mais uns mil lotes. Então a gente terá mais condições para lutar e ficar aqui. Pois a gente não tem para onde ir".

CJP: êxodo rural causa invasões

"A ocupação de terras devolutas, de marinha e outras, é resultado do êxodo rural e faz parte do contexto sócio-econômico do momento". A declaração é do presidente da Comissão Justiça e Paz (CJP), professor Rogério Coelho Vello, ao analisar ontem a situação dos posseiros da avenida Serafim Derenzi.

"O homem não pode se fixar a terra pois não existe infra-estrutura para isto. Ele não tem a posse da terra que trabalha, falta dinheiro para financiamento ao pequeno agricultor, não existem escolas, nem recursos médicos.

Então, atraído pelo "Eldorado" que é a grande cidade, pois a propaganda oficial fala de mil vantagens para ele nos "grandes projetos", ele vem para

cá, sem ter nenhuma condição para enfrentar um novo modelo de vida. O resultado é a precária condição, que garante, quando muito, a sobrevivência do indivíduo", afirma o presidente da CJP, que também é médico.

ÔNUS

Segundo afirmou o sr. Rogério Coelho Vello "os grandes projetos trazem dinheiro, mas o Estado é que paga — mesmo sem poder — a infra-estrutura. E um ônus muito grande para o Estado. E, em última instância, quem acaba pagando é a própria população que só tem como opção as "invasões" de terras, as filas do Inamp. Tudo isto é extremamente grave".

O presidente da CJP assegurou que "ninguém ocupa um terreno por

que quer. Estas "invasões" ocorrem pela necessidade das pessoas assegurarem um lugar para morar. Neste caso, não se justificam ações policiais-militares, que só devem ocorrer quando solicitadas pelo poder competente, que é o Judiciário. Fora disso, a ação da polícia é ilegal. Felizmente, a polícia tem agido, atualmente, dentro da Lei, no que diz respeito à ocupação de terras".

O sr. Rogério Coelho Vello afirmou que "é preciso criar uma infra-estrutura nos chamados grandes projetos, pois em caso contrário, a população mais pobre continuará pagando, cada vez mais, pelo ônus destas novas indústrias. E aí só se poderão esperar novas ocupações de terras, como esta".